

NECESSIDADE DO SINDICALISMO MEDICO ENTRE OS OCULISTAS

W. BELFORT MATTOS — S. Paulo.

Discurso pronunciado ao tomar posse do cargo de presidente da Sociedade de Oftalmologia de S. Paulo, em 7 de Maio de 1942.

Meus colegas.

Agradecendo, sensibilizado, à honra que vocês me conferiram de dirigir os destinos da Sociedade de Oftalmologia de S. Paulo no período 1942-1943, neste ato solene da posse, prometo tudo fazer, de acordo com os nossos estatutos, para o maior engrandecimento desta Sociedade.

O trabalho iniciado e desenvolvido pelas diretorias anteriores deverá ser continuado: reunirmo-nós-emos mensalmente e extraordinariamente quando necessario, ampliaremos o quadro social com a inclusão de novos elementos nacionais e estrangeiros, instalaremos uma séde social mais acccevel onde a consulta da biblioteca seja mais facil e faremos tudo que for necessario para maior brilho da Sociedade.

Meus colegas. Na epoca tão objetiva em que vivemos, que a todos resalta, de luta pela vida coletiva, nós, oculistas, como medicos que somos, precisamos cogitar um pouco mais de nós mesmos e se não diretamente de nós, dos nossos filhos e dos colegas que nos sucederão na clinica e nos hospitaes.

Qual de nós está sindicalizado de acordo com a legislação brasileira? Creio que nenhum. A-pezar-de pagarmos o imposto sindical, justamente cobrados pelos cofres publicos, nos desinteressamos pelo sindicalismo medico, não porque não necessitemos dele e sim pelo não conhecimento de sua força de defeza e de auxilio á profissão do medico.

Tudo que se passa em geral com o medico, passa-se tambem com o oculista. As reivindicações do oculista novo são identicas ás do medico novo. E não se diga que haja **pletóra oculistica** como inventaram a **pletóra medica**, pois no Brasil existem no maximo 800 oculistas para uma população de cerca de 40 milhões de habitantes. Existe sim, a má distribuição dos serviços medicos, o acumulo de serviço mal feito em mãos de poucos, as caixas de beneficencia, as companhias de seguro, as empresas magnas, as santas casas e os **trusts** medicos a abaixarem cada vez mais o nivel economico e científico do oculista novo. E para lutar contra tudo isto o oculista dispõe apenas do que a lei lhe oferece, o sindicalismo medico.

Aqueles, como nós mais velhos, que já **vencemos na clinica**, como dizem, não temos mais necessidade de lutar, como os novos.

Somente por intermédio dos sindicatos médicos, na luta sindical, é que o medico poderá obter uma melhor situação economica para o melhor exercicio de sua profissão.

Não quero aqui estender-me, como em uma conferencia, sobre os problemas da classe dos oftalmologistas que são **mutatis-mutantis** os mesmos que os do medico em geral, quer trabalhe nas grandes cidades quer nas pequenas povoações.

Sem custosas instalações, sem laboratorio e sem biblioteca é impossivel fazer-se medicina scientifica, razão pela qual entre nós pouca é a produção scientifica oftalmologica. E, na nossa Sociedade observa-se isto, as comunicações e as discussões são quasi sempre casuísticas.

Entre nós, geralmente, só depois de 10 anos de formatura é que o oculista consegue uma clientela mais ou menos estavel e rendosa e nesta ocasião, quando pode produzir alguma cousa de cientificamente aproveitavel entra no comodismo ocioso, já cansado da clinica. Faltaram-lhe os locais de trabalho onde pudesse fazer ciencia medica, applicando os conhecimentos adquiridos nas Faculdades de Medicina.

Na ansia muito justa de conseguir clientela e situação economica boas, o novo oculista, como todo o novo medico, procura trabalho pouco rendoso nas sociedades chamadas de beneficiencia, nas companhias de seguro onde é explorado sem se aperceber ou oferece todas as suas manhãs á maior das exploradoras dos serviços medicos, á Santa Casa. Diz que está lá para aprender e praticar, esquecendo-se de que em todas as profissões o aprendiz tambem tem salario. Muitas vezes é um colega mais antigo com titulos professoraes que o atráe para seu assistente ou auxiliar, com ordenado irrisorio. Conformado logo com a sua situação, querendo porem aparentar, o medico começa a correr daqui para ali em automovel pago a prestações interminaveis, aparecendo em reuniões medicas, tomando parte em discussões e em jantares e disputando o posto de ultimo auxiliar do ultimo assistente de uma enfermaria da Santa Casa para poder usa-lo como reclame no cabeçario do seu receituario, mandado imprimir por qualquer laboratorio de produtos medicos. E, por estas e muitas outras, que por decoro aqui não me refiro, é que a profissão do medico não merece a consideração e o respeito que deveria merecer.

Nas santas casas, nas caixas de pensões e beneficiencia, nas companhias de seguro, nos centros de saude, creches, etc., o serviço é estafante para o medico, impossivel de ser bem feito por um só, quando seriam necessarios às vezes 10 ou mais para tudo correr em boa ordem, com maior proveito para os consulentes, para os profissionaes e para a ciencia medica.

Sobram medicos, há a denominada **pletóra medica**? Não. Há a má distribuição dos serviços medicos, isto sim. São relativamente em numero pequeno os oculistas que clinicam no interior do Brasil. Inumeras cidades não possuem um especialista e toda a população está a

precisar de olhos para a presbiopia e para os vícios de refração escolar, está necessitando de tratamento para os seus males oculares, para o tracoma, etc.

O oculista novo para lá não vae por saber do nivel economico da população do interior, preferindo ficar nas grandes cidades onde melhor simulará os seus sucessos profissionaes.

E talvez tudo isto porque o oculista novo, necessitado, ignora que dentro do seu sindicato existe força capaz de o amparar na luta por uma subsistencia digna dentro da sua profissão, desde que tome parte direta na luta sindical. Mesmo porque, dentro dos sindicatos medicos há o perigo da politica exploradora do colega mais velho, mais astuto e mais rico. Quasi sempre não é o colega mais necessitado que é ouvido ou que delibera dentro do sindicato medico, e sim os que possuem condições sociais, e economicas invejaveis, os formados há muitos anos, os denominados **medalhões da medicina** que assambarcam os sindicatos para movimenta-lo, sempre de acordo com os seus interesses que são opostos aos dos outros colegas novos necessitados.

A medicina é uma profissão e não uma classe; existe a profissão-medica e não uma classe medica. Dentro da profissão medica existem os medicos exploradores ou patronaes e os medicos explorados. Estes é que deveriam constituir o **sindicato dos medicos necessitados**, os que têm dentro da legislação brasileira, reivindicações economicas a fazer, opostas ás dos medicos com situação economica satisfeita.

A geração de medicos post-guerra atual, que estudou medicina com o fusil no hombro, que ocupou a sua mocidade radiosa no estudo e na defeza da Patria, como encontrará, depois de formado, a medicina? Completamente proletarizada. Proletarizada sim, por todas as forças exploradoras dos serviços medicos que são iguais áquelas exploradoras de todo o trabalho humano.

Como organismo de defeza, a legislação brasileira criou os sindicatos liberaes, dentro dos quaes o medico que tenha reivindicações economicas a fazer propugnará por uma melhor organização dos serviços medicos e por sua melhor distribuição e remuneração.

Muitas vezes sem outro proposito que não o do triunfo dentro da profissão ou da sociedade em que vive o medico torna-se o maior inimigo do seu colega e por sua vez tambem, prejudica a si proprio. Nas sociedades humanas a luta pela vida reveste muitos aspétoes individuaes e coletivos; á cada forma de luta o homem adapta maneiras especiaes de simulação e dissimulação, diz Ingenieros, no seu livro: **A simulação na luta pela vida**.

O medico, como os outros individuos, tambem simula, no meio em que vive, o bem estar economico e clinico, um grande conhecedor da medicina para junto dos seus colegas e do publico usufruir uma situação previlegiada. O medico, como o padre, devido à sua profissão talvez seja dos mais aptos a simular situações economicas invejaveis, grande clientela e profundos conhecimentos adquiridos em rapi-

das leituras de revistas de propaganda de produtos farmaceuticos e assim não queira ingressar nos sindicatos medicos, para não revelar que tem reinvidicações economicas a fazer.

Ao se ler o livro há pouco citado, de Ingenieros, temos a impressão de que o mesmo foi escrito sobre nós e para nós medicos e biologicistas, porque nele, a cada passo, veem referencias, observações e critica ao medico na sociedade, a simulação da personalidade do medico na luta pela vida, etc. Esta simulação é muitas vezes benefica ao simulador, malefica ao colega e muitas vezes melefica a todos. Como dentro dos sindicatos medicos esta simulação é desmascarada, o boicot aos sindicatos liberaes será sempre feito não só pelos medicos sem reinvidicações a fazer como pelas 3 categorias de simuladores: os mesologicos (astutos e servis), os simuladores por temperamento (burlões e refratarios) e os simuladores patologicos (psicopatas e sugetivos). O dois ultimos são os mais dificeis de serem desmacarados, por serem na classe medica os que sabotam o engrandecimento dos sindicatos medicos, e por conseguinte sufocam as reinvidicações justas dos medicos explorados.

Um colega, a 3 de janeiro de 192. . . , escrevia-me "Meu prezado colega e amigo Belfort. . . não preciso nomear quem mais contribuiu para a situação privilegiada do nosso Instituto, agradeço apenas a Deus, todos os dias nos ter aproximado pois sem a sua dedicação e largo discortinio talvez já houvesse desanimado no proseguimento da luta pelo ideal primitivo". Isto constituiu verdadeiro fenomeno de homocronismo ou de mimetismo para captar a simpatia e confiança do colega jovem inexperiente e explora-lo á vontade em beneficio proprio e em prejuizo da organização citada, como mais tarde ficou constatado.

Todos os dias vemos sob qualquer pretexto os professores, chefes de clinica se valerem dos trabalhos e pesquisas dos seus sulbaternos e assistentes em proveito proprio.

A todos estes os sindicatos medicos são nocivos e por conseguinte deverão ser por eles combatidos ou assambarcados.

Dentro dos sindicatos medicos estes simuladores disvirtuam as suas finalidades e em vez dos sindicatos medicos funcionarem como orgão de defeza dos profissionais da medicina, tornam-se um orgão punitivo dos proprios colegas.

E porque estou a falar somente das reinvidicações economicas do medico oculista sem me referir á etica medica? Pela simples razão de serem ambos dependentes da situação economica. Esta sendo bôa, a etica medica está tambem de acordo.

Tudo isto foi dito apenas para justificar que dentro da Sociedade de Oftalmologia de S. Paulo, ao lado do estudo e do desenvolvimento da oftalmologia brasileira, podemos e devemos propugnar por uma melhor situação economica e social do oculista, de maneira que o seu nivel alcance o dos outros colegas de outros paizes tão adiantados

quanto o nosso e assim possamos não só produzir a oftalmologia clinica casaistica igual ao dos outros — como ora fazemos — como tambem a oftalmologia scientifica que se acha — ao contrario — bastante atrazada.

Dentro de todas as sociedades medicas, assim tambem dentro da Sociedade de Oftalmologia de S. Paulo, ao lado do estudo da medicina, devemos estudar e discutir a situação economica do medico que está ligada intima e inseparavelmente à sua produção scientifica.

E para terminar, ao apertar a mão do meu colega Tupinambá, presidente que ora termina o seu mandato, agradeço, em nome da Sociedade de Oftalmologia de S. Paulo, a sua dedicação e habil coleguismo, com que dirigiu a Sociedade durante o seu mandato e peço a todos que ajudem a diretoria atual, a estimulem, critiquem os seus atos e tudo o mais que for preciso para o maior engrandecimento da nossa querida Sociedade.

Analises, Resumos e Comentarios

ESCORPIONISMO E APARELHO DA VISÃO

OCTAVIO DE MAGALHÃES.

O Hospital — Volume 21, N.º 5, Maio, 1942.

O presente trabalho, constitue um bellissimo apanhado da ação do veneno dos Tityus — escorpionideos — sobre os animaes e o homem, sob o ponto de vista ocular.

O autor inicia o seu trabalho assinalando que nos casos benignos de intoxicação pelo veneno dos escorpiões, as alterações do aparelho visual são nulas, ao passo que nos graves ou de media gravidade, elas são bem marcadas. Apóz um insano trabalho de experimentação, assinala que as alterações sobre o aparelho da visão, podem ser: sobre o aparelho de comando, com alterações desordenadas do sistema nervoso motor, comprehendendo o nistagmo, o estrabismo convergente, a ptóse palpebral, os desvios conjugados dos olhos e da cabeça, as perturbações da musculatura intrinseca do olho, taes como a midriase e a mióse; sobre o aparelho sensorial, comprehendendo a cegueira e a diminuição da visão; e por fim, sobre o aparelho vascular e secretorio do órgão da visão, comprehendendo o lacrimejamento, a coloração azu-